

INTELECTUAL ORGÂNICO NO CONTEXTO AMAZÔNICO EM DEFESA DA EDUCAÇÃO NA ILHA DO MARAJÓ/ PARÁ.

Maria do Socorro da Silva Guimaraes
Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação
Universidade Federal do Pará - UFPA

Resumo:

Este trabalho, ainda em andamento no Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Pará, investiga história de um intelectual orgânico da Amazônia em defesa da educação, Seu Manoel do Carmo. O objetivo geral pretende analisar, por meio de história oral de vida e história oral temática, práticas em defesa da Educação de Seu Manoel do Carmo, membro dos movimentos sociais de Gurupá, ilha do Marajó no Pará. Teoricamente, o estudo se pauta nas teorias de intelectual e intelectual orgânico de Gramsci, (1982); Nova história, História vista de baixo, discutidos por Edward Thompson (1987), Peter Burke (2011), Dosse, (1992; 2012), Sharpe (2011) que nos possibilita ouvir as vozes e a registrar a história dos silenciados, à histórias das pessoas comuns. O Resgate da história de Seu Manoel do Carmo de sua memória individual irá representar a memória de muitos, de um grupo, dos movimentos sociais dos Sindicatos dos Trabalhadores Rurais de Gurupá. Uma história que transmite a história do povo da Amazônia, do povo Marajoara, do povo Gurupaense. Os resultados preliminares apontam a importância da organicidade dos intelectuais que se desenvolve na relação histórica, social, política e econômicas da sociedade Amazônica.

Palavras-chave: Intelectual orgânico, Amazônia, Educação.

Resumen:

Este trabajo, que es parte de la investigación realizada para optar por el grado de Maestría en Educación de la Universidad Federal de Pará, indaga por la historia de un intelectual orgánico del Amazonas en defensa de la educación: SeuManoel do Carmo. El objetivo general es analizar a través de la historia oral de vida y la historia oral temática, prácticas en defensa de la Educación de SeuManoel do Carmo, un miembro de los movimientos sociales de Gurupá, la isla de Marajó, en Pará. Teóricamente, el trabajo se basa en la teoría del intelectual orgánico de Gramsci (1982); la Nueva historia, la historia desde abajo discutida por Edward Thompson (1987), Peter Burke (2011), Dosse, (1992; 2012), Sharpe (2011), que nos permiten escuchar las voces y registrar la historia de los silenciados, las historias de la gente común. El rescate de la historia de Manoel do Carmo, de su memoria individual va a representar también la memoria de movimientos sociales como la de los sindicatos de los trabajadores rurales de Gurupá. Una historia que transmite el relato de la gente de la Amazonía, la gente marajoara, la gente gurupaense. Los resultados preliminares indican la importancia de la organicidad de los intelectuales que se desarrolla en la relación histórica social, política y económica de la sociedad Amazónica.

Palabras clave: Intelectual Orgánico, Amazonía, educación.

Introdução

A investigação do artigo vem sendo desenvolvida na dissertação de Mestrado em Educação do Instituto de Ciência da Educação da Universidade Federal do Pará. O objeto da pesquisa é investigar “as lutas e conquistas de um intelectual orgânico dos movimentos sociais em defesa da Educação na Amazônia, Estado do Pará, Ilha Marajó, município de Gurupá”.

O trabalho tem como objetivo geral: Analisar por meio de história oral de vida e história oral temática práticas em defesa de Educação de seu Manoel do Carmo, membro dos movimentos sociais de Gurupá, ilha do Marajó do estado do Pará.

Uma de suas grandes conquistas foi o Centro de Formação de Jovens do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, a Casa Familiar Rural (CFR) de Gurupá que há 16 anos trabalha com a formação sócio-política e técnica baseada na Pedagogia da Alternância com os jovens camponeses do município. O estudo vem sendo desenvolvido através das teorias de Gramsci, que trata principalmente neste trabalho sobre o intelectual e intelectual orgânico.

Metodologicamente a pesquisa vem se constituindo como pesquisa exploratória envolvendo investigação bibliográfica, documental e pesquisa de campo em abordagem qualitativa, história oral de vida e história oral temática do intelectual orgânico, Manoel do Carmo.

Através da investigação bibliográfica está sendo levantados e analisados os materiais (livros, artigos, textos, revistas, monografias, teses dentre outros materiais e publicações) que focalizam os aspectos do objetivo da pesquisa, bem como características sociais, econômicas, culturais e educacionais dos temas propostos para estudo.

A pesquisa documental está sendo realizada para a constatação das informações coletadas nas entrevistas semi-estruturadas realizadas com o sujeito da pesquisa para a sistematização da História oral de vida e história oral temática.

A história oral de vida se preocupa com o registo de experiência pessoal. Segundo Miehy (1994) história oral de vida obedece à metodologia e a um procedimento conhecido por entrevista livres, com questionários ou perguntas diretamente intuitivas, caracterizadas com gravações longas e devem obedecer à captação do sentido da experiência vivencial de alguém.

A História oral temática investiga um assunto específico, de caráter mais individual, e que pode ser um recorte da experiência de vida do sujeito. “A história oral temática aborda questões externas, objetivas, factuais, temáticas enfim, contrasta com história oral de vida que

cuida mais livremente de impressões, subjetividades”. (MEIHY, 1994, p. 57). É uma vertente de caráter social e em sua investigação quase sempre tem por objetivo gerar documentos. Permite também no processo de análise das antevistas a utilização de documentos que comprovem a originalidade de alguns fatos.

1. Bases Teóricas da Pesquisa.

1.1. Os Intelectuais em Gramsci.

Para o entendimento da pesquisa, torna-se necessário o aprofundamento sobre a teoria de Gramsci, sobre os Intelectuais. O próprio Gramsci, se questionava sobre quem seriam os intelectuais. Um grupo de social autônomo? Grupo Independente? Ou se cada grupo possuiria seu próprio grupo de intelectuais? Existe categorias, camadas de intelectuais?

Afirma que cada grupo social, Econômico e político, em seu contexto originário, criam de modo orgânico, camadas de intelectuais, e que esse intelectual “deve ser um organizador de massa de homens: deve ser um organizador da confiança dos que invertem em sua fábrica, dos compradores de sua mercadoria, etc” (GRAMSCI, 1982, p. 4).

Que cada grupo, a exemplo dos empresários capitalistas com capacidade dirigente e técnica, cria o técnico da indústria, ou intelectual especialista.

O autor faz uma análise que o grupo seja ele qual for, precisa de um organizador de massa, um líder, para difundir e conscientizar outras pessoas com o intuito de perpetuar os objetivos propostos por aquele grupo, que seria a organicidade do processo. Intelectuais orgânicos “nascem” com funções pré-determinados pelo grupo que faz parte.

Assim, como os intelectuais especialista, os técnicos da indústrias, que são formados de forma orgânica; são também formados intelectuais orgânicos em partidos políticos, igreja, classe universitária, meios de comunicação, movimentos sociais dentre outros, assim,

Pode-se observar que os intelectuais “orgânicos”, que cada nova classe cria consigo e elabora em seu desenvolvimento progressivo, são, no mais das vezes, especializações de aspectos parciais de atividade primitiva do tipo social novo que a nova classe deu à luz. (GRAMSCI, 1982, p. 4)

No contexto histórico de sua análise ele se reporta e descreve sobre as lutas dos trabalhadores do início do século XX na Itália, na qual havia os intelectuais do tipo urbano, que cria os intelectuais especialistas vinculados aos grupos sociais dominantes, relata que os intelectuais urbanos, os técnicos das fábricas não exercem nenhuma função política pelas suas

massas, os operários, e que os intelectuais ligados as classes dominantes principalmente na Itália são oriundos desde o império romano que prevalecia os intelectuais cosmopolitas, que eram homens ligados a classe dominantes. Fato que vem se perpetuando ao longo da história.

Em outros países, como na França e Inglaterra, os intelectuais eram vistos com pessoas também ligadas a grupos dominadores, a grupos econômicos, à igreja, partidos políticos. E é notório que os fatos históricos influenciavam no papel desse intelectual, a exemplo da Revolução Francesa em 1798, quando novos atores surgem, nascia um novo tipo de intelectual, saíam de cena os intelectuais cosmopolitas mais ligados ao clero, as classes dominantes, e surgiria novos ligados aos novos anseios da França e da revolução. Já na Inglaterra o que determinava era os intelectuais ligados aos grupos econômicos industriais do Industrialismo moderno.

Na América do Sul e na América Central, onde tiveram influência da Espanha e Portugal nos séculos XVI e XVII, e a herança histórica de exploração das terras e das pessoas da América do sul, não havia grandes bases industriais, prevalecia assim, mais os intelectuais do tipo rural.

Os intelectuais do tipo rural, são ligados aos camponeses e pequeno- burguês, atuam como um mediador de caráter político e social, articulando conversa ente a massa, o povo e outros sujeitos como advogados, administradores estatais, tabeliões etc. esse intelectual poderia ser um padre, advogado, professor, tabelião, médico etc; pessoas que em geral possuíam uma qualidade de vida superior os dos camponeses, se tornando um modelo para o camponês, e esse passa a admirar e almejar que um dia alguém de sua família, um filho, possa também ser um intelectual; um senhor e assim poder melhorar a condição de sua família.

É notório que os intelectuais fazem parte de grupos sociais presentes ao longo da história, e cada grupo com suas ideologia. A exemplo do clero da sociedade feudal, através de suas ideologia religiosa, que pregava a moral, a instrução, a justiça. “A categoria dos eclesiásticos pode ser considerada como a categoria de intelectual organicamente ligada aristocracia fundiária” (GRAMSCI, 1982, p. 5)

A organicidade dos intelectuais perpassa pela sua história que está implicada na história social, política; nos objetivos econômicos da sociedade ou nos objetivos de um projeto pelo quais, um grupo almeja alcançar.

Mas, Gramsci em seus estudos, análise dos contextos sociais, políticos, almejava formação de “novos intelectuais”, e quem seria os novos intelectuais? E qual seria papel desse intelectual, do intelectual orgânico?

Pois bom! Argumentava sobre a potencialidade de um novo Intelectual, no desenvolvimento de novas formas de intelectualismo; de novos conceitos de intelectual, ou seja, “o modo de ser do novo intelectual, não pode mais constituir na eloquência, motor exterior e momentâneo dos afetos e das paixões, mas num imiscuir-se ativamente da vida prática, como construtor, organizador” (GRAMSCI, 1982, p. 8).

Gramsci deixa claro que todos os homens são intelectuais, ele acredita nisso, em suas capacidades. Sua crítica está nos intelectuais e intelectuais orgânicos, engessados pela hegemonia dominante, os quais chamava de “imbecil domesticado” à serviço do capitalismo, os intelectuais especialistas à serviços da indústria.

Sua luta está em transformar esses intelectuais especialistas, em intelectuais políticos, consciente de seu papel no mundo; Intelectuais organicamente criados na lógica da doutrina socialista e comunista, a favor de uma nova concepção de mundo moral, justa e igualitária.

Um homem, um líder, um intelectual que ajude a construir uma história que valorize a massa, que valorize os homens, que olhe para os homens comuns do processo histórico. História como dos homens da revolução Russa em 1917, “revolução dos proletariados”.

E quantos intelectuais orgânicos, foram formados a parti das reflexões de Gramsci? E quantos intelectuais orgânicos devem existir na História da Amazônia? Homens e mulheres de grupos originários principalmente dos movimentos sociais com suas bandeiras de luta em defesa da Amazônia, nos aspectos sociais, ambientais, econômicos, políticos e educacionais. “Novos Intelectuais” que lutam em prol da massa. Quantos Manoel do Carmo, Chico mendes, Margaridas, Irmã Doroti, José, Maria, lutaram e lutam por uma nova concepção de mundo?

Outra investigação teórica que sustenta o trabalho é a história vista de baixo, que valoriza as histórias das pessoas “comuns” que possibilita que esse intelectual orgânico seja protagonista de sua História, da história da Amazônia.

1.2.História vista de baixo: “nova forma de pensar e escrever a história”.

Gramsci almejava uma nova concepção de mundo, onde os novos intelectuais teriam uma função social e política. Homens protagonistas de suas histórias e que lutassem pelos interesses de seu grupo.

A proposta da Nova História e da História vista de baixo, se somam com a teoria de Gramsci, uma vez que as duas teorias “nascem” com o intuito da valorização “dos de baixo”, dos homens comuns de um dado contexto histórico.

Mas, a compreensão da história nessa perspectiva, é um processo contra hegemônico da história convencionalmente valorizada, para compreendermos essa lógica e inter-relações das teorias, torna-se necessário o estudo de alguns conceitos, principalmente sob o que seria a história.

Na História por muito tempo, prevaleceu a História dos grandes heróis, dos grandes acontecimentos, e a Nova História que surge no século XX objetiva resgatar a história dos marginalizados pela história oficial. Porém, compreender o que é História não é simples. Segundo Le Goff (1996), falar de história não é fácil, pois há quem não a considere uma ciência. Para Silva (2006) a resposta para a indagação, não é nova “cada corrente de pensamento procura dar a sua resposta, por isso não é possível dar uma definição fechada para esse conceito” (SILVA, 2006, p. 182).

Le Goff, considera o século XIX (1872) o século da história, com o aparece a palavra historicidade. “A historicidade permite, por exemplo, refutar no plano teórico à noção de “sociedade sem história”, refutada por outro lado pelo estudo empírico das sociedades estudadas pela etnologia” (LE GOFF ,1996, p. 19 Afirma que a historicidade permite a inclusão de novos objetos da história a exemplo da historia rural, das mentalidades, da loucura.

Para Marc Bloch apud Le Goff (1996), história é ciência dos homens no tempo e, segundo Silva (2006), é uma das concepções mais influentes do século XX, que buscava a verdade como princípio fundamental da história, onde o historiador teria a tarefa de jogar os fatos, tentando alcançar a verdade.

Se a História se preocupa com a busca da verdade, podemos refletir então: qual é a sua verdade? Esse fato foi contado por quem? Com quais objetivos? E por muitos séculos as “verdades” foram contadas de acordo com os interesses das elites. E quando a História começou a ser interpretada por novos olhares? Uma Nova História?

Algumas respostas encontramos no estudo do século XX, quando surge um novo Movimento de historiadores denominado de Movimentos dos Annales, iniciado em 1929, na França, com a publicação da Revista dos Annales fundada por e LucienFebvre e Marc Bloch, com novos objetos de estudo. Iniciava-se uma nova forma de pensar e escrever a história, uma história problematizada e não mais a história tradicional política, documental e serial. “LucienFebvre convida o historiador a se inspirar nos problemas colocados pelo tempo presente, no qual ele vive, pensa e escreve”. (FEBVRE, apud DOSSE, 1992, p. 67).

E, mais uma vez, é através de uma revista que questões sociais são problematizadas, Assim como Gramsci, que utilizava as revistas para formar e informar a classe trabalhadora, a Revista dos Annales se torna “espaço” de informação e divulgação dos historiadores preocupados em valorizar e propagação da história social problematizada.

O Movimento dos Annales, dividido em três gerações, contribuiu significativamente para pensar e repensar as relações sociais da História. Dosse (1992) afirma que os Annales foi um discurso de ruptura com a história tradicional, inovando e constituindo uma revolução historiográfica. Com o novo movimento historiográfico, historiadores começaram a evidenciar novos assuntos que viviam de forma marginal na sociedade.

O novo movimento historiográfico permite que se possa falar em “nova história” (La nouvelle histoire) que Segundo Burker (2011) é uma expressão retirada do título de uma coleção de ensaios editados pelo francês Jacques Le Goff, da terceira geração dos Annales a partir de 1968. Nestes ensaios, o autor escreveu sobre “novos problemas”, “novas abordagens” e “novos objetos” de história. Provavelmente, o século XX clamava por “novos problemas”, como os sociais e econômicos. A vida, veio à tona, fato que provavelmente a história tradicional não se interessava. Burke, (2011, p. 20) enfatiza que,

O movimento de mudança surgiu a partir de uma percepção difundida da inadequação do paradigma tradicional. Essa percepção da inadequação só pode ser compreendida se olharmos além do âmbito do historiador, para ser as mudanças o mundo mais amplo. A descolonização e o feminismo, por exemplo são dois movimentos que obviamente tiveram grandes impactos sobre a escrita recente.

Esse movimento de mudança envolveu novas formas de trabalhar com a história, ocorrendo a aproximação com outras áreas de conhecimentos como a Psicologia e Sociologia, que Marc Bloch e Lucien Febvre, chamaram de estudo das mentalidades. A nova forma de relacionar os fatos históricos, segundo Dosse, (1992) fez com que Marc Bloch se aproximasse mais da sociologia durkheimiana que da psicologia para ter acesso ao mental. Seu percurso se assemelha mais ao estruturalismo e anuncia os métodos da antropologia histórica. Já para Febvre sua maior inspiração é a psicologia e sua defesa é por,

Uma história dos sentimentos, do amor, da morte, da piedade, da crueldade, da alegria, do medo..., mas logo exprime com precisão que essa história deve se integrar no estudo global de uma civilização e não se isolar de suas raízes, enquanto objetivo desvinculado de seu contexto nas grandes generalizações diacrônicas ou sobre a natureza humana. (FEBVRE apud DOSSE, 1992, p. 86)

A nova história permite a valorização da história das pessoas comuns, o que antes não ocorria porque a história estava voltada para as elites. Diz Sharpe (2011, p.40)

Tradicionalmente, a história tem sido encarada, desde os tempos clássicos, como um relato dos feitos dos grandes. O interesse na história social e econômica mais ampla desenvolveu-se no século XIX, mas o principal tema da história continuou sendo a revolução e opiniões políticas das elites.

Resgatar a experiência históricas de pessoas comuns, contra com a grande contribuição de Edward Thompson, quando no ano de 1966 escreveu o artigo *thehistoryfrombelow* (a história vista de baixo), que virou um conceito para muitos historiadores. A história vista de baixo a partir de então tornou-se objeto de diversos ensaios e livros. “Novas áreas de pesquisas surgiram e as experiências históricas de homens e mulheres, antes ignoradas, passaram a ser contadas” (SHARPE, 2011, p.41).

Edward Thompson (1987) entendia que a classe operária podia ser o sujeito de uma formação social e cultural, sendo protagonista de sua própria história. Ele afirma:

Estou convencido de que não podemos entender a classe a menos que a vejamos como uma formação social e cultural, surgido de processos que só podem ser estudados quando eles mesmos operam durante um considerável período histórico (THOMPSON, 1987, p. 12).

Ao analisar as relações dos trabalhadores do século XVIII, frente à revolução industrial e às teorias políticas e de classe dos anos de 1820 e 1830, deixa claro o historiador que sua análise é contra as concepções sociais dominante, valorizando a historia do comum,

Estou tentando resgatar o pobre tecelão e malhas, o meeiro luddita, o tecelão do “obsoleto” tear manual, o artesão “utópico” e mesmo o iludido seguidor de Joanna Southtt, dos imensos ares superiores de condescendencia da posterioridade. Seus ofícios e tradições podiam estar desaparecendo. Sua hostilidade frente ao novo industrialismo podia ser retrógrada. Seus ideais comunitários podiam ser fantasiosos. Suas conspirações insurrecionais podiam ser temerárias. Mas eles viveram nesse tempo de aguda perturbação social, e nós não. Suas aspirações eram válidas nos termos de sua própria experiência; se foram vítimas acidentais da história, continuam a ser, condenados em vida, vitimas acidentais. (THOMPISON, 1987, p. 13)

Sharpe (2011, p. 54) afirma que “a história vista de baixo abre a possibilidade de uma síntese mais rica da compreensão histórica, de uma fusão da história das experiências do cotidiano das pessoas com a temática dos tipos mais tradicionais da história”. Possibilita-nos, assim, ouvir as duas vozes e a registrar a história dos silenciados, uma vez que não há fontes

escritas sobre à histórias das pessoas comuns, e a história vista de baixo justifica essa possibilidade.

E como “capturar essas histórias? Uma possibilidade é a via de história oral, que no contexto da nova história e história vista de baixo, passa a ser muito usada pelos historiadores que tentam estudar as experiências das pessoas comuns, valorizando suas memórias individuais e coletivas.

Para Le Goff (1996, p. 473) a “história dita nova se esforça por criar uma história científica a partir da memória coletiva, que pode ser interpretada como uma revolução da memória”. Ele enfatiza que no contexto da nova história há a necessidade em se trabalhar com problemática contemporânea, valorizando assim o enraizamento social do indivíduo o de um coletivo, e a memória tem um papel fundamental nesse processo.

A Nova História e a História vista de baixo permite ver a importância do intelectual orgânico como protagonistas de “verdadeiras” histórias. Homens de organização orgânicas e que se dedicaram sua vida conscientizando e realizando ações em prol de um coletivo, em um posição contra hegemônica perante a sociedade. História de Homens como a de Seus Manoel do Carmo, membro orgânico do Sindicato dos Trabalhadores Rurais do Município de Gurupá/Pará.

2. Manoel do Carmo: sua grande conquista, “Casa Familiar Rural de Gurupá”.

Na investigação preliminar apresento a história de Seu Manoel do Carmo, Gurupaense, que nasceu no ano de 1955, sua história de luta foi influenciada, pela Teologia da Libertação e pelas Comunidades Eclesiais de Bases (CEB's), movimentos da igreja católica de expressão religiosa de conscientização da população que se difundiu na América Latina na década de 1960. A influência da igreja, motivou seu Manoel do Carmo a ingressar na década de 1970, os 22 anos, no Seminário da igreja católica, com o objetivo se tornar padre, os seminários frequentados foram, primeiramente o do município de Altamira e posteriormente o seminário de Santarém no Pará.

Em 1985 o seminário de Santarém no Pará, São pio X, foi desativado, a justificativa foi estarem formando seminaristas muito críticos e rebeldes. Neste período Seu Manoel do Carmo volta para Gurupá e se filia ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Gurupá, momento que teve um importantíssimo papel de articulador perante as ações Sindicais. Em 1998, aos 43 anos, se torna um dos articuladores da associação do Centro de formação para jovens filhos (as) dos trabalhadores rurais do município de Gurupá/PA, “Associação das

Famílias da Casa Familiar Rural de Gurupá”. A Casa Familiar Rural é inaugurada no ano de 2000.

A história de vida de Seu Manoel certamente é pautada por lutas e conquistas, em defesa da formação humana, da educação transformadora e crítica. Sua organicidade, vem do movimento social, no qual se tornou um importantíssimo líder de confiança, que luta em prol da conscientização do povo camponês Gurupaense, os associados do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, e principalmente dos Jovens camponeses.

Ele é o principal pensador e articulador para o funcionamento da Casa Familiar Rural de Gurupá que é uma legítima “casa de formação Amazônica” de formação humana, técnica e política dos jovens camponeses, e sempre valorizando a dinâmica da floresta e das águas determina a vida do povo gurupaense; por se situar na região das ilhas, Marajó, os sujeitos vivem de forma peculiar, em uma relação muito próxima com a natureza.

A Associação das Famílias da Casa Familiar Rural de Gurupá, desde sua fundação em 1998 vem se preocupando com a formação dos sujeitos, que preza por uma formação digna para os jovens filhos dos agricultores familiares gurupaenses, uma educação que tem o olhar para a realidade do município, de cada comunidade onde residem os alunos, principalmente na diferença entre as comunidades de terra firme e de várzea, que tem suas particularidades sociais, principalmente no que diz respeito às relações sociais e econômicas.

Gurupá, sendo um dos dezesseis municípios da região do Marajó, onde o fluxo das águas acaba determinando as relações socioeconômicas e Ambientais, apresenta uma significativa história de luta do Movimento Social que há anos vem lutando pelos direitos dos trabalhadores Rurais, e determinando a relação cultural. Os homens de Gurupá são capazes de pensar analisar o passado e o presente, não permitindo que os fatos negativos de opressão sofrida pelos trabalhadores rurais na época da borracha sejam esquecidos pelos jovens e que a luta por dignidade se torna eterna; homens que mantem viva na “mente e na alma” suas conquistas culturais,

[...] cultura tem seu impacto no conceito de homem, quando vista como um conjunto de mecanismos simbólicos para controle do comportamento, fontes de informação extrassomática, a cultura fornece o vínculo entre o que os homens são capazes de ser tornar e o que eles realmente se tornam, um por um. Torna-se humano e torna-se individual, e nós nos tornamos individuais sob a direção dos padrões culturais, sistemas de significados criados historicamente em termos dos quais damos formas, ordem, objetivos e direção a nossas vidas. (GEERTZ, 2012, p. 37)

E manter a história viva, na mente de cada um morador de Gurupá é um dos grandes objetivos do movimento social com a contribuição significativa da ação educativa através principalmente da CFR do município. A própria Casa Familiar Rural, desde 2000, é a ação concreta de uma estratégia de formação e informação para os jovens agricultores pautada pelo movimento social por meio do Sindicato dos Trabalhadores Rurais- STR. Ela é voltada ao trabalho a parti das realidades locais e sua valorizá-las, uma vez que;

Educar é criar cenários, cenas e situações em que, entre elas e eles, pessoas, comunidades aprendentes de pessoas, símbolos sociais e significados da vida e do destino possam ser criados, recriados, negociados e transformados. Aprender é participar de vivencias culturais em que, ao participar de tais eventos fundadores, cada um de nós se reinventa a si mesmo. (BRANDÃO, 2002, p.26)

E os símbolos sociais no município são muito presente, seja pala igreja católica com toda a sua tradição, e as inúmeras associações que realizam um trabalho de conscientização e regate cultural nas pessoas. Existe uma grande ideologia presente nas pessoas que Bakhtin chama de signos ideológicos:

Todo signo, como sabemos, resulta de um consenso entre indivíduos socialmente organizados no decorrer de um processo de interação. Razão pela qual as formas dos signos são condicionadas tanto pela organização social de tais indivíduos como pelas condições em que a interação acontece (BAKHTIN, 2006, p 43)

E essas interações historicamente refletem na filosofia educacional da CFR tem um papel relevante e de luta histórica no município a exemplo da Legalização do Curso de Ensino Médio na CFR que é uma conquista do Movimento Social por uma educação que atenda realmente a realidade local.

Possivelmente seja tão importante para os movimentos sociais terem uma educação voltada para a realidade dos jovens, pois a exemplo de Gurupá, são os jovens que vão se tornar as futuras lideranças, para contribuírem em Pastorais da Juventude, Grupos de Jovens, Sindicatos, Associações, Cooperativas. Conhecer a realidade é de suma importante para o desenvolvimento de uma consciência crítica, despertando valorizações e paixão pelo que se tem e indignação nas injustiças.

Em um Centro Familiar de Formação em Alternância - CEFFA a exemplo das CFR's que tem como filosofia desenvolver seu trabalho de acordo com a realidade dos alunos, envolvendo os pontos essenciais da cultura local, aspectos sociais, econômicos, políticos,

ambientais, dentre outros. Existindo exigência significativa os profissionais que atuam em uma CEFFA.

Ações históricas que se dá em processo, e, requer sempre pensar no como, onde, o por quê, para quê, por quem conhecer.

Pensar na importância de que, para que e para quem buscar o conhecimento, com escolhas que não são neutras, implica em expor uma reflexão que tem suas cores e seus valores. Nesse sentido, com não querer buscar, aprofundar algo que lhe dá prazer e ao mesmo tempo lhe inquieta.

Uma vez que o conhecimento está nas relações sociais, que acontecem no mundo social que por si só é complexo, acúmulo de apropriações de ontem, vai se tornando a cada dia mais claro, se for apreendido em sua concretude, e assim, hoje, pode-se perceber que a busca em compreender a realidade exige condições, ferramentas para compreender essa realidade, com determinação e paixão.

Como a realidade é histórica se dá em movimento, o tempo social se dá em processo, fatos são construídos por homens e mulheres, que acontecem nas esferas cotidianas e não cotidiana, na complexidade das relações sociais, políticas, econômicas, esses fatos para serem apreendidos, requerem a exigência que, tenha por base, o diálogo com várias fontes, para compreender a complexidade que tais fatos estão situados nas dimensões da realidade, isto requer mais determinação em sua compreensão.

E sendo a realidade histórica e em constante movimento, a preocupação e a luta de seu Manoel do Carmo é á rdua na conscientização dos jovens gurupaenses para manter viva sua história e lutar sempre por melhorias principalmente no campo.

Conclusão

A pesquisa ainda em andamento no programa de Pós- Graduação em Educação na Universidade Federal do Pará, vem demonstrando a relevância de estudar a história do intelectual orgânico no contexto amazônico, pois resgatar a história da Amazônia e de lideranças que ficou silenciada na história que não faz parte dos livros oficiais.

Contar as lutas e conquistas de Seu Manoel do Carmo, membro do Sindicato dos

Trabalhadores Rurais de Gurupá, da Amazônia, Marajó é dar valor à lutas de um homem que pensam em prol de um coletivo, uma liderança político e social dos agricultores familiares do Município de Gurupá/PA.

Seu Manoel do Carmo é um entre muitos intelectuais orgânicos que continuam “sem nome” na história oficial. Mas, suas histórias podem ser contadas à luz, da Nova História, da História Vista de Baixo, que valoriza a história das “pessoas comuns”.

Sua grande conquista como membro do Sindicato foi o Centro de Formação Casa Familiar Rural de Gurupá (CFR), uma instituição de formação do Sindicato dos Trabalhadores Rurais do município de Gurupá. A CFR há 16 anos vem formando os filhos e filhas dos trabalhadores e trabalhadoras rurais do município de Gurupá, um trabalho voltado para realidade dos alunos, através de uma formação humana, técnica e política.

Referências

BAKHTIN, Mikhail, A filosofia da linguagem e sua importância para o marxismo. In: **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2006.

BRANDÃO, C. R. **Aeducação como cultura**. Campinas, SP: Marcedo das Letras, 2002.

BURKE, P. A nova história, seu passado e seu futuro. In: BURKE, P. **A Escrita da História: novas perspectivas**. Tradução de Magna Lopes. São Paulo: UNESP, 2011.

DOSSE, F. **A História em Migalhas: dos Annales à nova história**. Tradução de Dulce da Silva Ramos. São Paulo: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1992.

_____. **A História**. 1ª. ed. São Paulo: Unesp, 2012.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das culturas**. 1. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2012

GRAMSCI, A. **Os Intelectuais e a Organização da Cultura**. 4ª. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

LE GOFF, J. **História e Memória**. 4ª. ed. Campinas SP: Editora da UNICAMP, 1996.

MEIHY, J. C. S. B. Definindo história oral e memória. IN: **Cadernos Centro de Estudos Rurais e Urbanos (CERU)**. Nº 5 –serie 2. São Paulo, 1994.

SHARPE, J. A história vista de baixo. In: BURKE, P. (**A Escrita da História: novas perspectivas**. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Unesp, 2011.

SILVA, K. V. **Dicionário de conceitos históricos**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2006

THOMPSON, E. P. **A formação da classe operaria inglesa**, 1: A árvore da liberdade. 4º ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.